



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **07/08/2018**

Aprovado em: **07/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.25.05>

CERAMISTAS DE COQUEIROS: MEMÓRIAS, PERTENCIMENTOS E TRABALHO NUM CONTEXTO ETNOEDUCACIONAL

EIXO: 25. EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE E DESCOLONIZAÇÃO DO SABER

MARINEIDE LEITE MARQUES, GENIVALDO FERREIRA SÁ, LELIANA SANTOS DE SOUSA

Resumo

O tema desse estudo faz uma abordagem sobre pertencimento étnico, problematizando a influência da remanescência / ancestralidade negra e indígena no trabalho das ceramistas e a Educação de Jovens e Adultos EJA. A saber se a Educação de Jovens Adultos tem sido referência e palco para o empoderamento identitário desses atores sociais. Esse estudo pretende também abordar memórias e pertencimentos étnicos no cotidiano das ceramistas de Coqueiros, Maragogipe-BA e a relação entre os saberes empíricos da comunidade, acerca das ancestralidades e remanescências no trabalho das cerâmicas ou “louças” produzidas, e o viés com os saberes da Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, seguiremos os passos da pesquisa qualitativa de caráter descritivo, o instrumento utilizado será a pesquisa de campo através de procedimentos diretos como questionários e entrevistas.

Palavras-chave: memória. Pertencimento. Etnoeducação. Trabalho.

Abstract

The theme of the study of an approach on ethnicity, problematizing an influence of the reminiscence and the black and indigenous ancestry in the work of the potters and an EJA. To know if the Education of Young and Adults - EJA has been a reference and stage for the empowerment of companies&39; identity. This study intends to approach memories and ethnic belonging in the daily life of the Coqueiros, Maragogipe-BA, potters and a relation between the knowledge empirical of the community about the ancestralities and remnants in the work of the produced dishes and the bias with the knowledge of the Education of Young and Adults. To do so, we will follow the qualitative descriptive research steps, the instrument used and a field research through direct procedures such as questionnaire and interviews.

Keywords: memory. Belonging. Ethnoeducation. Job.

INTRODUÇÃO

Após um breve passeio pela história do Brasil, onde aqui trouxemos grifos, em relação ao mosaico étnico que abordamos no decorrer deste estudo, seguimos com o propósito de nesse artigo contribuir com elementos discursivos em prol das ações pedagógicas na Educação de jovens e Adultos em uma abordagem sobre pertencimento étnico, problematizando a influência da remanescência e da ancestralidade negra e indígena no trabalho das ceramistas, trazendo um olhar acerca das relações entre o trabalho e a educação, tendo como ponto de partida, preliminares de uma investigação, para saber se a Educação de Jovens e Adultos - EJA tem sido referência e palco para o empoderamento identitário desses atores sociais. Esse estudo aborda memórias e pertencimentos étnicos no cotidiano das ceramistas de Coqueiros e a relação entre os saberes da comunidade acerca das ancestralidades e remanescências no trabalho das “louças” produzidas, e o viés com os saberes da EJA. O objetivo desse estudo, aponta-se na necessidade de mapearmos o cotidiano de atores sociais nas suas especificidades coletivas, traçando assim, com olhar de humanidade, nos contornos das ações pedagógicas que valorizem o empirismo de homens e mulheres, sujeitos da EJA. Para tanto, essa pesquisa apresenta, uma abordagem de investigação qualitativa de caráter descritivo, delineada pela pesquisa de campo, através de procedimentos diretos como questionários e entrevistas.

Apresenta-se inicialmente aspectos introdutórios; justificativa; problemática; objetivos. Em seguida, pontua acerca dos procedimentos metodológicos e instrumentalização técnica. A fundamentação teórica delimita o lócus da pesquisa, caracterizando o local e os sujeitos em questão. Seguindo aspectos referentes ao desenvolvimento, resultados da pesquisa, considerações finais e as referências.

Como aporte teórico metodológico este estudo foi alicerçado por Gil (2007), Minayo (2010), Goldenberg (1997), Fonseca (2002). Ao revisar a bibliografia, na busca de referendar as questões étnoeducacionais no contexto, do trabalho e da EJA, foi possível identificar questões acerca da etnia num percurso sócio historicamente mais focado e abrangente, condizente com a multiplicidade identitária que compõe a população africano-indígena brasileira. Para tanto, a partir da concepção de etnia indígena e de afro descendência, busca-se o entendimento de uma perspectiva pertinente para pensar a questão destas identidades no Brasil, tomando como aporte teórico para as questões culturais e etnoeducacionais, fazendo um recorte para a EJA, autores como: Amorim (2007), Boris (1996), Hall (2003), Kohn (2014), Santos (2014), Freire (2000), Souza; Galvão & Santos (2014), Lyra (1996), Carneiro e Jesus (2009), além da LDBEN 9394/96 a 10.639/2003 e a 11.645/2008.

Procedimentos metodológicos

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, que segundo Minayo (2010), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. É o que pontuamos com o tema que trata da Educação de Jovens e Adultos e as relações cotidianas do trabalho num contexto etnoeducacional, indissociável das memórias e pertencimentos da Ancestralidade/ Remanescente Indígena e Negra na Cerâmica de Coqueiros, evidências do processo de pesquisa do cotidiano da comunidade ceramista, abordando as experiências e à influência da Educação de Adultos no convívio da comunidade. O tema percorrido na pesquisa aqui apresentada, pretende através dos procedimentos metodológicos que alicerçam a abordagem qualitativa, tais como: entrevistas e questionários, referendar as relações etnoeducacionais e o trabalho das ceramistas.

Segundo Goldenberg (1997), os pesquisadores qualitativos rejeitam a aplicação do modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos. Para tanto, a escolha da abordagem qualitativa decorre da possibilidade do recorte mais aproximado entre o objeto e o pesquisador, bem como, a questão da opinião do pesquisador poder estar integrada à pesquisa, contrapondo-se a uma visão positivista, que engessaria e dificultaria à relação entre pesquisador e objeto no contexto das pesquisas sociais.

Segundo os autores aqui referendados é na pesquisa qualitativa que o pesquisador se ocupa da dupla função ao mesmo tempo o sujeito é sujeito e objeto e esta condição é imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa.

O problema central da pesquisa pelos práticos torna-se construção dos posicionamentos do pesquisador e das suas relações com o sujeito/objeto de pesquisa. Tirar partido de sua posição específica em um processo de pesquisa exige uma lucidez e um rigor metodológico que permitem construir e reconstruir constantemente o equilíbrio frágil em três fins, ajustá-los com justeza e pertinência em todo momento – na medida do possível. E, ao reconhecer esses três fins como preocupações de todos os atores, além de mero pesquisador, esse modo de produção de conhecimentos. KOHN (In. SOUSA, GALVÃO & SANTOS, 2014, p. 241).

Observa-se que os pesquisadores que utilizam a abordagem qualitativa buscam explicar o porquê das coisas e não a quantificação, pois os dados produzidos com os sujeitos implicados na pesquisa não são meramente métricos, derivando aspectos que tocam a implicação, explicitando situações de desconforto e necessidade de busca de solução na perspectiva da produção de conhecimentos.

Como instrumento para este estudo foi escolhido a pesquisa de campo, que caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, realiza-se também a coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. (FONSECA, 2002).

Em virtude do caráter subjetivo e integralizador, que em muito subsidia as pesquisas sociais, podemos afirmar que, os momentos deste estudo tornaram-se extremamente prazerosos, pois ao estarmos em contato com a comunidade e seu cotidiano, foi possível dialogar a respeito das questões que envolvem o trabalho das ceramistas e suas memórias. Aqui neste estudo através da pesquisa de campo, foram utilizados como instrumentos, a entrevista aberta e o questionário semiestruturado contendo doze questões abertas e fechadas, com perguntas acerca da ancestralidade/remanescente indígena e negra na cerâmica produzida em Coqueiros, bem como, as relações entre escolarização e trabalho no contexto da EJA.

Segundo Gil (2007) pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais usada no âmbito das ciências sociais. Um outro procedimento adotado foi o questionários, que segundo o autor, constitui hoje umas das mais importantes técnicas disponíveis de dados das pesquisas sociais, podendo ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevados de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. Segundo o autor a diferença entre questionário e entrevista está em que nesta as questões são formuladas oralmente às pessoas que respondem da mesma forma.

Diante do exposto cabe ressaltar que, os dois instrumentos utilizados integralizam aqui elementos enunciativos de uma perspectiva da relação trabalho num contexto etnoeducacional de pesquisa investigativa, utilizando-se inicialmente, dos questionários e entrevistas e das narrativas dos atores sociais vinculados a cerâmica de Coqueiros. Caracterizando a pesquisa sobre a análise das relações de pertencimento étnico, aportado nas vivências das ceramistas em relação ao trabalho e ao cotidiano, tendo como pano de fundo, a investigação em torno da atuação da EJA na comunidade.

Coqueiros e seus protagonismos.

No período do achamento do Brasil, o território baiano era ocupado por povos Tupis: Tupinambás, mais ao norte; Tupiniquins ao sul do rio de Contas, mais localizados no litoral; e por povos de língua Jê, os Tapuias. Os Tapuias habitavam o sertão, a maior parte do interior semiárido, o cerrado e alguns pontos mais próximos do litoral, entre Ilhéus e Espírito Santo. Estes Tapuias mais próximos eram os Aimorés.

A cidade de Maragogipe está localizada à margem direita do Rio Paraguaçu que abrigava os Índios Aimorés, esses chamavam o local de Marag-gyp que significa “rio dos mosquitos” por ser cercada por manguezais, onde tinha muitos insetos. Vários exploradores chegaram à região, viram que os índios além de pescar e caçar para a sua subsistência, utilizavam o solo fértil para plantar a mandioca, e assim produzir a farinha entre outros alimentos derivados desta planta. Com a chegada dos colonizadores portugueses, houve um processo de produção em maior escala, pois estes dedicaram-se também a extração da madeira, fixaram residência e implantaram engenhos de cana de açúcar e casas de farinha no Recôncavo Baiano. A história de Maragogipe tem suas origens numa lenda, protagonizada pela cultura oral, que nos remete ao Século XVI. Conta-se que, uma tribo de índios inteligentes e destemidos guerreiros, denominados Marag-gyp, se dedicavam ao cultivo do solo, a caça e a pesca vivendo fixados na região com uma população estimada em 200 habitantes, deixaram as suas marcas inclusive na agricultura através do cultivo da mandioca e disseminaram a cultura das casas de farinha que abasteciam no período do Império a cidade de Salvador. Atualmente

a cidade de Maragogipe tem na sua composição administrativa seis distritos: Maragogipe, Guaí, Guapira, São Roque do Paraguaçu, Nagé e Coqueiros. (Fonte: IBGE).

Educação e o mosaico étnico: catequizar, civilizar ou emancipar

Seguindo o rastro da história, durante o período da colonização até o fim do império, negros e índios foram escravizados e ao serem libertos vivenciaram e vivenciam ainda hoje, lutas constantes pelo acesso às políticas públicas, direito à terra, à saúde, à educação e a visibilidade social através da valorização do multiculturalismo, marca frequente do cotidiano da população brasileira.

Hall (2003, p. 343), pontua que, na diáspora negra, houve por parte dos europeus, grande apropriação, cooptação e rearticulação seletiva de ideologias e culturas. Assim, o autor propõe, um repensar dos posicionamentos e das identidades negras em relaçãoa pelo menos três presenças: a presença africana, a europeia e a dos povos das Américas.

A identidade africana, está presente: nas línguas, nos contos, nas crenças e práticas religiosas, nas artes, nas músicas, nos ritmos dos movimentos do corpo e adquiriu um valor imaginativo, como símbolo de ancestralidade. A presença indígena no nosso mosaico étnico, tem sido alvo das tentativas de silenciamento, através da invisibilidade, que muitas vezes é reproduzida no ambiente escolar, através do “branqueamento”, condutor de um modelo educativo, que não contempla o multiculturalismo, e que, historicamente tem reproduzido discursos que elencam a cultura branca como protagonista das nossas práticas educativas cotidianas.

As questões que envolvem a presença indígena na contemporaneidade, são discutidas como elemento de resgate étnico, pois durante estes mais de quinhentos anos, viveu-se o apagamento da história, cultura e principalmente das línguas indígenas brasileiras, pois apesar, de fazerem parte do léxico nacional, não são estudadas, faladas e reconhecidas entre o nosso vernáculo.

Segundo Santos (2014), os modelos educacionais impostos aos índios, inicialmente aconteceram através da catequização jesuítica, apartir de meados do século XVI, em seguida, no meado da década de 1750, com o modelo “civilizatório” pombalino trazido pelo Marques de Pombal. Nesse contexto os índios vivenciaram esses dois modelos educativos, que pretendiam dominar, converter, explorar, e assim, apagar identidades destas populações através de catequização, aldeamentos e controle da vida e do cotidiano dos povos nativos.

Ao nos reportarmos inicialmente aos modelos educativos impostos aos povos nativos do Brasil, podemos observar que, no percurso da história da educação, apesar da superação de modelos vivenciados, a escola continua um ambiente reprodutor das desigualdades e da hegemonia cultural quando não interage com as culturas dos povos nativos e ancestrais.

Não obstante às lutas e movimentos negros e indígenas em todo o país, o tratamento desigual entre as culturas, que infelizmente a escola muitas vezes reproduz, reveste-se em vetor discriminatório que atinge na maioria das vezes índios, negros e descendentes no Brasil.

As demandas culturais dos povos negros e indígenas advindas da luta através das associações e dos movimentos sociais em favor destas minorias bem como a valorização dos contextos da História da Educação Brasileira que atualmente encontram amparo no espaço educativo mediante atitudes preconizadas nas Leis 10.639/2003 e 11645/2008, sancionadas pelo presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, que estabelecem o ensino obrigatório nas escolas de ensino fundamental e médio, nas instituições públicas e privadas da disciplina de História e da Cultura Afro- Brasileira e Indígenas, que trazem propostas de uma educação emancipatória, pois aportam-se em um olhar de equidade, em relação aos sujeitos envolvidos no processo de construção das identidades étnicas, onde seus traços culturais são reconhecidos nas suas especificidades. A formação para o

desenvolvimento humano e social converge para a sustentabilidade enquanto um ideal constitucional da nossa época traduzindo o anseio coletivo de humanização, democracia e equidade. (SOUSA; GALVAO & SANTOS, 2014, 04).

Diante desse contexto de trabalho culturalmente produzido por mulheres que mantêm a sustentabilidade local, porém, aparentemente sem perspectiva de preservação cultural por conta da dissociação entre trabalho ceramista e a cultura educativa, pressupomos que ao considerarmos as leis citadas, que respectivamente, já estão completando quatorze e nove anos, compreendemos que contribuir com processos educativos respeitando as culturas diversas, e buscando integração entre os diferentes sujeitos em questão, professores, alunos, gestores e sujeitos atuantes do mundo do trabalho torna-se possível o fortalecimento da ancoragem e empoderamento no trabalho das ceramistas.

“Descobrirem-se através de uma modalidade de ação cultural, adialógica, problematizadora de si mesmos em seu enfrentamento com o mundo, significa, num primeiro momento, que se descubram como Pedro, Antônio, Josefa, com toda a significação profunda que tem esta descoberta. Reconhecem-se agora como seres transformadores da realidade, para eles antes algo misterioso, e transformadores por meio de seu trabalho criador” (Freire, 1987).

Partindo deste pressuposto Freiriano, ações educativas que possam (re)significar e valorizar o cotidiano da comunidade aqui pesquisada, e de olho no multiculturalismo, decorrente dos elementos da ancestralidade e remanescência dos povos que habitam a Baía do Iguape, num recorte para a comunidade ceramista de Coqueiros, percebemos a forte presença da Cultura Africano-indígena, que de forma pulsante, apresenta marcas das culturas africano-brasileiras e indígenas, como baluartes de pertencimento étnico, manifestado principalmente através das cerâmicas ou “louças” aqui produzidas.

Apresentada como uma forma de sobrevivência da população local, a produção de cerâmica, “louças” também chamada pelos produtores, fazem parte da identidade de Coqueiros e seus moradores. Entretanto, esta marca identitária promete evaporar-se como a fumaça do fogo usado para queimar as peças arduamente fabricadas, manualmente pelas ceramistas.

Sujeitos da pesquisa.

Esta pesquisa versa sobre a produção econômica das ceramistas de Coqueiros, mulheres que disseminam esta arte de geração a geração. Trata-se de um grupo de aproximadamente 50 mulheres que se dedicam a maior parte de seu tempo nesta atividade que gera renda e garante o sustento de suas famílias. Os homens, na maior parte do tempo dedicam-se a atividade da pesca, cujos resultados têm sido insignificantes pois com a construção da Barragem de Pedra do Cavalo e a pesca criminosa com uso de bombas muitas espécies de peixes deixaram de existir nas águas do Rio Paraguaçu, gerando um grande prejuízo para a população de toda Baía do Iguape.

As atividades de trabalho das mulheres de Coqueiros, também se caracterizam pela prática de catar mariscos nos momentos de maré baixa. Observamos também que estas mulheres com as mãos marcadas pelos calos e dores nas costas, pela atividade de moldar o barro, relatam que “as costas doem” em razão da posição monótona em que realizam o trabalho de ceramista, entretanto “se divertem, quando podem, nos sambas de roda do recôncavo” e afirmam que, mesmo nesse tempo de trabalho, “a cantoria, a música, a dança, o gingado do corpo relaxam as tensões da árdua tarefa”.

O trabalho que para essas mulheres, consideradas guerreiras, têm se tornado fonte principal da

economia familiar, também por outro lado, tem servido como exemplo de reconhecimento de produção de cultura para instituições de fomento e divulgação de manifestações culturais e de identidade étnica. Desse modo, destacamos exposições no Instituto Visconde Mauá, Salvador – Ba; Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), Instituto Federal de Incentivo dos “Saberes e Fazeres” do Povo Brasileiro; Arte Sol – Artesanato Solidário (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) situada em São Paulo e que publicou em 2009: *Ceramistas de Coqueiros – histórias de vida*. Trabalho este que retrata o cotidiano das ações das ceramistas baianas por meio de imagens e da oralidade. Todavia, cabe aqui examinar se as ceramistas de Coqueiros possuem conhecimentos sobre o valor cultural de sua arte e se o conhecimento sobre sua ação cultural produz intrinsecamente valor e reconhecimento identitário. Cabe questionar também se as Leis: a 10639/2003 e a 11.645/2008, que regulamentam as diretrizes nacionais, para incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, tem sido respeitada nos espaços escolares em Coqueiros e ainda interrogar em que medida o valor cultural da arte das mulheres ceramistas de Coqueiros produz valor e reconhecimento de sua identidade.

Em uma pesquisa realizada por Carneiro e Jesus (2009), diz que não existe ceramista em Coqueiros, que tenha curso universitário. Na referida pesquisa, os estudiosos asseveram que “40% possui o 2º grau completo, e 40% possui o ensino de 1ª a 4ª série, outros 20% estudou o ensino fundamental”. Desse modo, é relevante questionar se escola local oferece turmas de EJA- Educação de Jovens e Adultos, e se o ensino tem como prioridade a valorização da cultura regional, e a valorização dos bens produzidos pela cultura ceramista, assim como a auto-estima de quem a produz. Assim sendo, Lyra (1996, p. 50) diz que trata-se de um lugar capaz de:

Levar o conceito antropológico de cultura, fazendo distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. A cultura como acréscimo que o homem faz ao mundo que ele não criou. A cultura como resultado do seu trabalho e de seu esforço criador e recriador. O homem, a afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto.

Destarte, a cultura assume um significado valorativo capaz de orgulhar descendentes destas ceramistas e que lhes inspira continuar com a herança imaterial do realizar-se com honra e dignidade como principais sujeitos do fazer ancestral. Percebemos, então, a necessidade de uma escola capaz de pensar o sujeito numa dimensão humana e em contato direto com sua realidade e suas ações cotidianas. Neste sentido, tornam-se necessárias ações que valorizem as práticas do mundo do trabalho como valor de mercado capaz de prover o sustento do seu produtor sem qualquer tipo de privação, para que o seu valor se transforme em benefícios capazes de render frutos compensadores de seu trabalho.

Segundo as ceramistas, atualmente o custo da produção de “louças”, é muito alto, pois o barro, matéria prima fundamental para tal produção, não é mais retirado e transportado pelas mesmas, como se fazia em épocas passadas. Hoje, é necessário pagar pelo barro e pelo transporte. Elas dizem que existe uma imensa dificuldade na comercialização do produto final, pois não dá para competir com as panelas de alumínio que o mercado industrial oferece. A venda da produção de cerâmica nas feiras das cidades vizinhas também não é uma prática rentável como um dia já foi. A venda mais significativa ocorre quando donos de restaurantes locais ou circunvizinhos compram as louças para a preparação da culinária regional. “É bom quando para um carro na porta para comprar”. A fala de uma das ceramistas indica ainda que a produção atual é também voltada para os turistas locais, essa venda direta elimina o “atravessador”, e o lucro pode ser maior.

Além das dificuldades apresentadas, Coqueiros é um local, que pouco oferece aos sujeitos que aí residem, pois a falta de oportunidade de emprego e demais atividades de geração de renda tem influenciado a migração de muitos habitantes daquela localidade para outras regiões. Assim, a

produção da cerâmica que por muito tempo foi fonte de recurso das famílias e “que melhorou a vida de muitos” (fala de uma ceramista) pode estar com os dias contados. Não são apenas as mães que não desejam uma “vida dessas para as suas filhas” (outra fala) como as próprias filhas que não pretendem dar continuidade ao trabalho de suas mães. Algumas delas, depois de algum estudo, buscam empregos em outras localidades, até mesmo na capital. As ceramistas jovens não querem ter o trabalho de “sujarem” as mãos com barro (fala de uma ceramista).

Nos questionários aplicados indagou-se, também, a respeito da relação que os entrevistados mantêm com a escola e o trabalho desenvolvido no entorno desta. Neste quesito, apenas seis responderam, mas de forma tímida. Perguntou-se ainda a respeito da forma como a escola contribui ou contribuiu para o desenvolvimento de seu trabalho. Quanto a isso, apenas uma entrevistada respondeu que sim, mas que poderia ajudar mais.

Diante dos resultados dessa pesquisa pudemos perceber que a escola é uma instituição, de pouca atuação na vida das ceramistas de Coqueiros. No que concerne às respostas colhidas nos questionários a maioria ocorreu de forma monossilábica através de “sim” e “não,” mesmo diante de questões abertas.

Resultados da Pesquisa

Idade	Escolaridade (em anos frequentado)	Tempo como Ceramista	Na escola
72	0	20	2
50	3	10	1
70	0	30	2
97	0	87	2
67	2	25	2
20	2	5	2

Fonte: Elaborado a partir de informações coletadas pelos pesquisadores.

Na escola, o professor já falou sobre o trabalho com cerâmica (1) Sim (2) Não

Sobre o resultado da pesquisa:

A relação das ceramistas de Coqueiros com a escola ainda é distante. Consoante, Carneiro e Jesus (Op.Cit., 2009), não existe entre as ceramistas que tenha curso universitário. Mediante o resultado desta pesquisa, foi possível constatar que duas – das seis entrevistadas – nunca frequentaram a escola. Dentre o grupo das ceramistas, quatro frequentaram a escola e três afirmaram que os professores nunca trataram de temas relacionados ao trabalho com cerâmica. Dentre estas quatro, duas não se declararam alfabetizadas. Uma delas declarou que não frequentou a escola quando criança, o que nos leva a supor que frequentou apenas quando adulta.

Ao se referir à distância que existe entre a escola e as ceramistas, Carneiro pontua realidades diferentes em que a escola como espaço formal não contempla as vivências desses atores sociais. Isto porque, focados em sua atividade laboral, não encontram espaços para suas representações no meio acadêmico. A saber que, o ensino formal infelizmente, nesse caso específico silencia as vozes do multiculturalismo apresentado nesse mosaico étnico de coqueiros.

Ao afirmarem que nenhum dos professores, fizeram referências às cerâmicas que são produzidas em Coqueiros, as três ceramistas nos revelam um dos grandes entraves entre a educação entendida como formal e a educação não formal: a valorização de saberes cotidianos desses atores que

vislumbram não somente, o reconhecimento do seu trabalho como fonte de renda e sobrevivência, mas, como atividade que dignifica e os credenciam como indivíduos capazes. Esses professores aí imbricados, não se atentaram para a riqueza cultural e remanescente dos povos tradicionais que deixaram suas marcas em todo o território do recôncavo baiano, representadas na ancestralidade/remanescentia local.

Desse modo, os dados aqui coletados foram adquiridos através de amostragem, para representar em forma de entrevista aberta e questionário semiestruturado, em um recorte da relação trabalho e escolarização através da Educação de Jovens e Adultos- EJA, a saber que de forma muito contundente percebe-se que a vida cotidiana das mulheres ceramistas de Coqueiros não tem sido elemento de abordagem na construção dos saberes valorizados pela escolarização nas turmas de EJA em Coqueiros.

Face a essas questões, verificamos que é necessário, políticas públicas que estejam associadas ao incentivo à produção de cerâmicas em Coqueiros e que, objetivem a escolarização dos atores sociais aí imbricados para que se tornem verdadeiros expoentes de sua cultura. Além disso, promovam a acessibilidade e o convívio com o meio acadêmico e assim, compartilhem experiências e colaborem para construção do conhecimento, e disseminem saberes fundamentais da história nacional e local.

Considerações

Notamos através das respostas nos questionários que há pouca preocupação com os aprendizados escolares. As ceramistas de Coqueiros mesmo sabendo que o seu trabalho é resultado de práticas ancestrais, não se reconhecem como portadoras de um saber capaz de empoderar. Um saber constituído de conhecimento indígena e africano, realizado na resistência da captura, do comércio do ser humano tratado como mercadoria e explorado em sua mão de obra, capaz de se contrapor ao domínio econômico, religioso, social e ideológico do colonizador e hoje do mercado industrial.

Por tudo isso, a realização laboral das cerâmicas é um trabalho que merece sobreviver nas novas gerações e tornar-se reconhecido como arte local e popular, porque é realizado a partir de um conjunto de ações, que mesmo não sendo de domínio da consciência coletiva dos moradores, representam, em seu conjunto – extrair o barro, transportar, amassar, moldar, brunir, queimar – a simbologia do trabalho que tornou esta nação tão diversa, e que por isso, rica em sua cultura, e não menos importante a efetivação a promoção do indivíduo como sujeito de direitos. Para tanto, o reconhecimento do direito à educação, e a importância da visibilidade em se tratando das ceramistas de Coqueiros, estará garantido mediante à valorização do seu trabalho e na cognição qualificativa do que representa o seu trabalho enquanto cultura, que possibilitaria a estes atores sociais a consciência de si mesmo perante a sociedade.

A educação popular vem sendo ofertada a atores sociais, que historicamente vem sendo excluídos de seus direitos. O papel do educador, também ator neste processo, independente de que momento político e econômico impulsiona as relações de aprendizagem e escolarização, se para um viés ideológico ou mercadológico.

Ao iniciar a coleta de dados, na comunidade ceramista de Coqueiros, para aplicação do projeto de pesquisa, entre a realização das entrevistas e a aplicação de questionários, foi detectado algumas questões que envolvem a comunidade e a EJA. A questão que mais chamou a atenção foi: Se nas aulas eles conversavam com a professora sobre o trabalho da cerâmica, da mariscagem, da pesca, ou outros assuntos relacionados à comunidade disseram que não. Uma das ceramistas disse que apenas iam para a escola e faziam o dever. Hoje a comunidade não tem mais acesso a EJA, que segundo as entrevistadas, foi fechada a turma, mas disseram que não sabiam o motivo. Diante do exposto, percebemos que esta pesquisa fará diversos atalhos entre caminhos das informações oficiais e as vivências reais da comunidade com a Educação de Jovens e Adultos. Um outro aspecto

que chamou a atenção, foi a resposta em relação aos conteúdos e a forma que eram trabalhados. “A gente não conversava nada disso, só fazia o dever”.

Amorim (2007), pontua que, os saberes escolares são aqueles que fazem parte da vida educativa das instituições de ensino; são identificados como conhecimentos escolares institucionalizados e também legitimados por alunos e professores, num processo filosófico, antropológico, pedagógico, sociológico e psicológico. Processo esse que transcende a sala de aula e interage com as diferentes vivências dos segmentos comunitários que procuram as instituições de ensino e dão lugar e corpo aos processos contraditórios, às generalizações e às novas ressignificações, para serem inseridos de volta ao mundo social, político-econômico e do trabalho como elementos transformadores da realidade, impulsionando, assim, a consolidação de novos paradigmas da educação.

Nesse contexto, o autor traz uma reflexão sobre o intercâmbio entre a escola e os conhecimentos acadêmicos e institucionalizados e a comunidade produtora constante de conhecimentos empíricos. Notamos que estas trocas entre atores educativos proporcionam aprendizagens significativas e processos de transformações paradigmáticas para ambos.

Assim, ao concluirmos este artigo, podemos declarar que o convívio com as ceramistas de Coqueiros, alimentou o desejo de permanecer na caminhada das relações, que dialogicamente podem gerar à ressignificação da vida das pessoas de uma comunidade. Além disso os espaços educativos institucionalizados, através do intercâmbio dos saberes diversos nos espaços formais e não formais de educação, onde a valorização dos atores sociais e seus protagonismos possam promover empoderamento e conseqüentemente melhoramento das condições de vida e que, o fazer artesanal da Cerâmica de Coqueiros possa ser valorizado, através do fomento à comercialização e o reconhecimento do legado ancestral e remanescente que os povos indígenas e afro-brasileiros proporcionam na construção deste grande e rico mosaico multicultural nacional.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Antônio. **Escola**: uma instituição social, complexa e plural. São Paulo: Viena, 2007.

ARROYO, Miguel G. **Pedagogias em Movimento** – o que temos para aprender com os movimentos sociais Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, p. 28-49. Jan/Jun 2003.

BORIS, Fausto. **Histórias do Brasil**, 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

BRASIL. **IBGE**- <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.phpcodmun=292060> – acessado em 22/12/2017.

BRASIL. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em Acesso em 15 de novembro 2017.

_____ **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm acesso em 22 de novembro 2017.

CARNEIRO, Aldemir Rildon. JESUS, Geferson Santana de. **Cultura e Economia**: Análise das(os) ceramistas de Coqueiros e Maragogipinho. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular(CNFCP) - http://www.cnfcp.gov.br/interna.phpID_Secao=1 – acesso 10/11/2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez: 1996.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAMPAIO, Helena. PERELMUTTER, Daisy. CAVALCANTI, Claudia. **Ceramistas de Coqueiros** – histórias de vida. ArteSol. IPHAN. Bahia. 2009.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Da catequese à civilização**: colonização e povos indígenas na Bahia. 1ª Ed. Cruz das Almas-Ba: UFRB, 2014.

SOUSA. L. S. de.; GALVÃO. P.C.S.; SANTOS. C.R.S. dos. (Orgs.) **Saberes, Práticas e Sustentabilidade**. Indígenas-Afrobrasileiras-Tecnologias Sociais. Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional(CPEDR). Curitiba-Pr. Brasil. Editora CRV. 2014.

KOHN. R. C. **A PESQUISA PELOS PRÁTICOS**: a implicação como modo de produção dos

conhecimentos. Tradução de Leliana Santos de Sousa. In. SOUSA. L. S. de; GALVÃO. P.C.S.; SANTOS. C.R.S. dos. (Orgs.) **Saberes, Práticas e Sustentabilidade.** Indigenas-Afrobrasileiras-Tecnologias Sociais. Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional(CPEDR). Curitiba-Pr. Brasil. Editora CRV. 2014, p. 237- 253.